

Empresário defende recessão para revitalizar a economia

Presidente de uma das mais importantes indústrias nacionais de autoparças, Cofap, Abraham Kasinski surpreende por algumas colocações diretas sobre o atual momento econômico. Golpeado duramente pela recessão de 81, tanto que a Cofap continua faturando e operando a 50% de sua capacidade produtiva, mesmo assim não esconde sua inclinação por uma segunda edição de medidas contencionistas para o País. E vai logo dizendo: "Se eu fosse o governo, estaria pensando seriamente em implantar uma nova depressão para revitalizar de vez a economia".

Kasinski sabe que desposta da maioria de seus pares ao sustentar o desejo de uma segunda recessão consecutiva. Confessa que não tem fórmulas prontas para debelar "o monstro" inflação, mas descarta ideias como congelamento

dos juros e arrocho salarial, defendendo muito mais o estímulo ao consumo interno e um crescimento moderado via forças próprias, além de cortes em novas aplicações.

Novos investimentos tornaram-se palavras proibidas desde 1980, paralelamente à introdução de um processo contencionista de custos e produção adequada à demanda. "Os resultados positivos foram de tal ordem que nossa primeira experiência com emissão de debêntures no ano passado (Cr\$ 1,5 bilhão) não precisou ser repetida. Uma boa administração dispensa esse tipo de paliativo" — diz, deixando clara sua desaprovação por mecanismos de captação via títulos, principalmente quando essa captação significa endividamentos vultosos, como faz o governo.

O empresário defende, isso sim, investimentos

com recursos próprios, e cita novamente a Cofap: em 1981, dos Cr\$ 524.688 milhões aplicados, Cr\$ 359.106 milhões foram em recursos próprios, e o restante através de linhas de crédito oficiais. "Com os juros nos níveis atuais, não há empresa que agüente" — desabafa, poupando porém críticas aos banqueiros, dizendo que o jogo dos juros altos é responsabilidade do governo, em sua necessidade de captação externa. Nesse ponto, ele reforça sua tese de as empresas (e governo) operarem com recursos próprios, e obtê-los via racionalização de custos e produção.

Abraham Kasinski confessa ter achado "fabulosa" a retração imposta em fins de 80. "Paramos com aquela euforia de crescer a qualquer custo. E é com base nessa freada, que admito um tanto brusca, que

criamos a plataforma para avançar moderadamente. Por isso não vejo o porquê de se temer uma segunda contenção consecutiva, mas mais dosada, já que os resultados da primeira foram ainda pequenos."

O que seria então essa contenção dosada?

Primeiramente, como citou, disciplinar gastos, conter novos investimentos e deixar livres de qualquer intervenção as forças do mercado. Ao contrário do que pede a maioria do empresariado, Kasinski não mexeria nos salários. "Em vez de 10, concederia 20% acima do INPC às faixas menos favorecidas. Precisamos estimular o consumo, porque o que existe hoje é uma inflação de custos, e não de demanda" — diagnostica, citando os Estados Unidos, onde 95% da produção destinam-se ao mercado interno.